



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 14 DE NOVEMBRO DE 2000

*Senhor Vice-Presidente da República, Doutor Marco Maciel; Senhor Presidente do Senado, Senador Antônio Carlos Magalhães; Ministro de Estado da Educação, Paulo Renato Souza; Senhores Ministros de Estado anteriores da Educação; Senhores Ministros de Estado que aqui se encontram presentes; Senhores Embaixadores; Parlamentares; Reitores; Ilustres agraciados; Senhoras e Senhores,*

O Ministro Paulo Renato, ao fazer a saudação aos Senhores e às Senhoras agraciados, hoje, foi além de simplesmente fazer aquilo que era justo, que era agradecer a contribuição que os Senhores e as Senhoras têm prestado ao desenvolvimento da educação no Brasil.

Na verdade, o Ministro Paulo Renato Souza fez um apanhado das transformações pelas quais o processo educativo passou nas últimas décadas no Brasil e definiu as tarefas a ser enfrentadas – não diria pelo Ministério, mas pelo Brasil – na área de educação.

Resta-me, portanto, muito pouco a dizer. Eu queria pessoalmente, também, felicitá-los por terem recebido este sinal de gratidão por parte do Governo brasileiro, diante do tanto que os Senhores e as

Senhoras, aqui presentes, e hoje agraciados, têm feito pela educação no Brasil.

Não me estenderei a respeito de cada um dos Senhores – e conheço quase a todos – porque poderia omitir ou poderia não estar suficientemente informado sobre alguns dos Senhores ou algumas das Senhoras. Mas podem ter a certeza de que, se há uma retribuição que o Presidente da República presta aos seus cidadãos, e que deixa o coração do Presidente transbordando de alegria, é na área de educação.

O Ministro Paulo Renato disse que, em 1930, nós tínhamos 2 milhões de estudantes no Brasil. Hoje são 56 milhões, 56 milhões em todo o sistema. Ou seja, a pré-escola, o Ensino Fundamental, a universidade, a pós-graduação. São 56 milhões no conjunto. De 30 para cá – é a minha idade, um pouquinho menos, a nossa, senador, um pouquinho menos. É bastante tempo, mas é tempo de uma vida e, nesse tempo, o Brasil se transformou completamente.

Eu me recordo – nasci no Rio e fiz parte dos meus estudos primários no Rio de Janeiro – naquela época, se dizia, e era verdade, que o Brasil era um país eminentemente agrícola, e o era.

Quando me mudei para São Paulo – meu pai era militar e, portanto, tinha que mudar de domicílio, de cidade – havia um pequeno trecho pavimentado, entre Rio e São Paulo. Era o trecho que descia a Serra das Araras, no Rio de Janeiro, e nada mais. Quando chovia, eram dois dias de automóvel entre Rio e São Paulo. A estrada era lamacenta, e muito freqüentemente ficávamos paralisados no meio do caminho.

Os meus avós maternos são alagoanos, mas moravam em Manaus. Do Rio a Manaus eram 16 dias, de barco. Não havia linha aérea. Não havia interconexão neste nosso país.

Isso é uma experiência direta, pessoal – como todos nós, os mais velhos, temos aqui – e que às vezes convém recordar para que possamos sentir o quanto se trabalhou neste país, para que ele seja o que é hoje.

Na área da educação, as transformações foram radicais. Não preciso repeti-las porque o Ministro Paulo Renato já as mencionou. O elitismo do nosso ensino era conhecido. Aqui, nesta sala, há pes-

soas que foram colegas minhas, ou às vezes até alunos na Universidade de São Paulo. Sabem a que me refiro quando falo de elitismo. Época houve em que as aulas, todas, num certo momento do curso, eram dadas em idioma estrangeiro. Não eram dadas em português. Ai de quem não entendesse. Não entrariam na universidade: excluído pela classe, não pelo saber, excluído pela classe, porque nos exames vestibulares aquilo era uma metralhadora giratória: "Leia aí um trecho em inglês, leia aí um trecho em francês." Quem não tivesse os ouvidos mais ou menos afinados em casa, tropeçava na leitura e podia ser reprovado. Para não falar no latim, que era mais difícil ainda. Era um acesso cheio de obstáculos, mesmo para os filhos da classe média, da classe média alta e da elite. E o povo? O povo era uma abstração.

Isso mudou. Isso mudou muito e o Ministro Paulo Renato fez justiça ao mencionar a ação de Gustavo Capanema quando Ministro da Educação. Capanema se juntou com Drummond, com Bandeira, com Villa-Lobos, se juntou com quem pensava e fez uma obra meritória. Hoje, lá no Rio de Janeiro, o Palácio da Cultura é o Palácio Capanema, foi o Ministério da Educação. Aquilo era um símbolo. Ali tem o dedo de Niemeyer, tem o dedo de Lúcio Costa e tem a inspiração de Le Corbusier.

Era o Brasil querendo transcender, querendo ir além daquilo que era. E o que era eu acabei de dizer aqui rapidamente: era muito pobre. Era muito incapaz de fazer-se sentir como uma nação e se integrar como uma nação. Foi preciso que houvesse, portanto, gente com coragem, com visão e que, pelo menos simbolicamente, marcas-se os rumos.

Perdoem-me, outra vez, as memórias. Quando menino, na Esplanada do Castelo, mais de uma vez, nas datas pátrias, os colégios para ali-se dirigiam. E nós éramos regidos por Villa-Lobos, no canto orfeônico. Ele próprio, simbolizando, com a sua genialidade, a necessidade de haver uma integração nacional.

Mas tudo isso era muito precário. Hoje, talvez não tenhamos nenhum Villa-Lobos. Certamente, as crianças não vão mais ao desfile

no dia sete de setembro. Havia até um Dia da Raça que se comemorava com certas tinturas até mesmo fascistas. Mas havia, além disso, a vontade de fazer um país. Essa vontade de fazer um país não pode se esgotar na vontade de ter um país que cresça economicamente. É muito mais do que isso. É compartilhar uma experiência e é ter a percepção e a sensibilidade para entender a experiência que se está vivendo. É, portanto, a educação.

Sempre se falou muito disso. Alguns de nós aqui temos, também, de nossa própria experiência, no caso como professores, a lembrança do que foram as pregações daqueles que nos formaram.

Fui aluno de Fernando de Azevedo, que pregava a reforma da educação. Fui aluno e assistente de Florestan Fernandes, que lutava pela transformação da educação. Trabalhei com Anísio Teixeira num centro de estudos pedagógicos em São Paulo. Convivi com Anísio no exílio, no Chile. Fui amigo de Paulo Freire também no Chile, na Suíça, no Brasil, pelo mundo afora. Essa gente toda sonhava com a educação como grande instrumento de transformação. Lourenço Filho e tantos. Certamente, omito alguns. Há outros que, hoje aqui presentes, sonham. Mais que sonham, realizam.

Os que nos antecederam talvez não tivessem as condições que hoje nós temos para transformar as prédicas em ação. Falava-se muito da importância da educação fundamental. Mas os recursos iam todos para a universidade. Falava-se muito, e esses que mencionei pregavam que a educação de base era fundamental para a formação cívica, para a democracia. Mas nós não tínhamos, ainda, a capacidade. Nisso não vai crítica a ninguém. Pelo contrário, não tínhamos ainda a capacidade de incluir a todos. Hoje temos.

Hoje, nas escolas fundamentais, 96% das crianças assistem às aulas. Hoje, nós distribuímos 100 milhões de livros a cada ano. Hoje, ~~não oferecemos merenda a 32 milhões de crianças nas escolas públicas.~~ Ainda falta muito. O Ministro Paulo Renato mostrou. Chegamos ao número, mas não ainda à qualidade. Ainda estamos na luta pela quantidade. Ainda não temos, na educação pré-primária, o avanço necessário.

Ainda recentemente, recebi no Palácio da Alvorada professores franceses que me explicaram que, na verdade, a educação tem que começar muito antes, no aleitamento materno e logo depois, porque os neurônios depois, mais tarde, já podem estar perdidos. E que educar é desde que se nasce. Estamos ainda longe de ter isso. Mas já temos 56 milhões de brasileiros na escola. Alguns que vão e que vêm à escola, como dever ser, num aprendizado permanente, aprendizado da vida toda.

Estamos hoje nos albores de uma outra revolução, que é a tecnológica. Estamos começando a distribuir computadores às escolas. Temos um programa, porque junto com a privatização do sistema de telefonia criamos, também, uma pequena taxa para generalizar o acesso, para universalizar o acesso às novas tecnologias.

Estamos iniciando a distribuição, em dois anos, de 70 ou 80 mil computadores. Mas nós temos 250 mil escolas públicas. Falta muito ainda. Faltará mais tempo. O Ministério da Educação já está treinando professores. Já distribuiu cerca de 20 mil computadores. Todos eles vão estar ligados na Internet, para evitar o que em inglês se chama de *digital divide*, ou seja, os analfabetos, aqueles que não são capazes de usar o computador.

É uma tarefa imensa para um país dessa magnitude. Mas nós estamos enfrentando. E essa revolução vai permitir, talvez, que se dê um salto, ou seja, que o tempo que foi perdido por muitas gerações se recupere na que está por aí nascendo e nas que já estão entrando nas escolas agora, e que já vão poder entrar – quem sabe? – no limite da capacidade de absorção tecnológica no mundo contemporâneo. Estamos fazendo aqui o que se está fazendo em toda parte do mundo, que é tentando utilizar essas técnicas mais modernas, não apenas no ensino formal, mas na prática da vida, na possibilidade do exercício da cidadania. E também no exercício de tudo mais, de todas as demais dimensões da vida, do consumo ou do que mais seja.

Mas falta bastante. Falta bastante. Para não cansá-los por muito falar, termino como comecei, dizendo que falta bastante, mas não falta decisão. Não falta o rumo. As políticas estão definidas. Há ca-

minhos a ser percorridos. Aqueles aos quais me referi no passado sonhavam e Capanema materializou seu sonho em alguma medida. E se cada um dos que mencionei e muitos outros mais, de alguma forma, também materializaram seus sonhos, se os ex-Ministros da Educação aqui presentes – desde de Dona Esther de Figueiredo Ferraz, Carlos Chiarelli, Eduardo Portela, Jorge Bornhausen, o Vice-Presidente Marco Maciel, que passaram pelo Ministério da Educação, fizeram, cada um deu o que pôde dar. Hoje o Brasil pode dar mais. Todos nós podemos dar mais de nós mesmos.

Se é verdade que nós devemos todos aos que mencionei e aos que não mencionei, que estão ligados à educação, quero dar uma palavra de reconhecimento ao Ministro Paulo Renato, que foi capaz de motivar, foi capaz de juntar uma equipe importante, pessoas que hoje permitem que o Brasil, em quaisquer encontros nacionais ou internacionais, possa dizer o que está fazendo, não se envergonhe do que está fazendo. Sabe o que falta fazer. E possa, sobretudo, continuar mantendo muito alta aquela vontade, aquela flama que vem, menciono Capanema outra vez, mas que não é só dele, de tanta gente no Brasil, e que hoje está nas mãos do Ministro Paulo Renato. E de tal maneira isso está se enraizando no Brasil, que quando ele terminar o seu trabalho, pelo menos quando terminar o meu mandato no Governo da República, qualquer que venha a ser o novo Ministro, não vai se poder mais retroagir, qualquer que seja a situação que se crie no Brasil. Nós, hoje, sabemos que a educação é fundamental, é prioridade. Isso não são palavras, é uma obra realizada.

Agradeço muito ao Ministro Paulo Renato, felicito mais uma vez a todos vocês, e muito obrigado.